

# Memórias em rede: primeiras pistas na construção de uma genealogia da plataforma “Agroecologia em Rede”<sup>1</sup>

Nemo Côrtes, André Ruoppolo Biazoti e Natália Almeida

**Resumo:** A plataforma do Agroecologia em Rede nasce há 20 anos, fruto do compromisso anterior das redes de agroecologia no Brasil com a sistematização de experiências. Como forma de dar visibilidade e reconhecer a força que pulsa nos territórios, o sistema coletivo de mapeamento organiza conteúdos e avança na disponibilização de uma ferramenta a serviço dos processos tecidos em rede. Esse relato trata especificamente da pesquisa dedicada à análise do acervo que reúne mais de mil experiências e da identificação de ciclos temporais na trajetória da plataforma, processo que também traduz a memória da agroecologia no país.

**Palavras-chave:** agroecologia; construção do conhecimento agroecológico; sistematização de experiências.

**Resúmen:** La plataforma Agroecologia em Rede nació hace 20 años, como resultado del compromiso previo de las redes de agroecología en Brasil con la sistematización de experiencias. Como forma de visibilizar y reconocer la fuerza que late en los territorios, el sistema de mapeo colectivo organiza contenidos y avanza en brindar una herramienta al servicio de los procesos tejidos en red. Este informe trata específicamente de la investigación dedicada al análisis de la colección que reúne más de mil experiencias y la identificación de ciclos temporales en la trayectoria de la plataforma, proceso que también refleja la memoria de la agroecología en el país.

**Keywords:** agroecología; construcción de conocimiento agroecológico; sistematización de experiencias.

## Introdução

A plataforma do Agroecologia em Rede surge no início dos anos 2000. Atualmente, possui cerca de 1.160 experiências sistematizadas e cadastradas em todo território brasileiro. Desde 2018, seu sistema passa por uma reestruturação metodológica e funcional que incide sobre seu desenho organizativo e sobre sua memória. Essa movimentação provocou a criação de uma nova frente de trabalho dedicada ao acervo que tem como objetivo analisar, refletir e propor estratégias de interação com os dados que foram coletados anteriormente baseado em outras lógicas de mapeamento.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino-Americano de Agroecologia, promovido pela Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia (SOCLA) e pelo Grupo de Agroecologia do Departamento de Sistemas Ambientais da Faculdade de Agronomia da Universidade da República e realizado nos dias 25, 26 e 27 de novembro 2020 online.

## Metodologia

Para orientar essa pesquisa a “Frente de Acervo” elaborou coletivamente um plano de ação para guiar as atividades. Esse relato de experiência busca compartilhar os resultados iniciais e análises da primeira fase dessa reestruturação. Essa primeira etapa analítica envolveu a atualização da trajetória histórica da plataforma, a análise primária dos dados do acervo e foram realizadas três entrevistas semi-estruturadas com pessoas que participaram da criação e estruturação da iniciativa nos seus primeiros anos (Paulo Petersen, Adriana Freire e Flaviane Canavesi).

## Desenvolvimento e resultados

Na *Revista Agriculturas - Experiências em Agroecologia*, em 2006, Paulo Petersen apresenta a plataforma da seguinte forma:

Agroecologia em Rede é um sistema de informação destinado a socializar ensinamentos sistematizados de experiências e pesquisas em agroecologia desenvolvidas no Brasil. Define-se como uma rede de interação virtual orientada para o fortalecimento das redes locais de inovação, responsáveis pela construção da agroecologia no país. (PETERSEN, 2006)

Tal definição segue coerente com os princípios e objetivos atuais da plataforma. Porém, com o passar do tempo, com as inovações tecnológicas, com o amadurecimento intelectual em torno da importância das cartografias sociais para a agroecologia e o avanço do movimento agroecológico brasileiro, a plataforma se configura atualmente como um sistema mais complexo. Além de contribuir com a sistematização das experiências e com a construção coletiva do conhecimento agroecológico, tornou-se uma plataforma política e pedagógica que se apresenta como um caixa de ferramentas para movimentos sociais e organizações articularem redes, estimularem convergências e diálogos entre iniciativas a partir do mapeamento coletivo e descentralizado de experiências. Em síntese, trata-se de uma rede de redes. Um rizoma complexo que identifica e organiza as experiências articuladas nos territórios a partir de uma árvore temática diversa e plural.

O modelo do rizoma serve como orientação metodológica para um olhar cartográfico a ser aplicado sobre um campo, uma rede, uma teia de relações, sugerindo que a cartografia opere de modo rizomático, percorrendo os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias geopolíticas. A cartografia diz respeito a um método estratégico-rizomático. (PRADO FILHO, 2013)

Em 2019 criou-se o glossário do Agroecologia em Rede que identificou 19 galhos temáticos, são eles: Agricultura urbana e periurbana; Agrotóxicos e transgênicos; Água e saneamento; Alimento, segurança e soberania alimentar; Arte, cultura e comunicação; Biodiversidade e bens comuns; Campesinato, povos, comunidades tradicionais e outros modos de vida; Construção

social de mercados; Cooperativismo e outros arranjos comunitários; Economia solidária e outras economias; Educação e construção do conhecimento agroecológico; Impactos das grandes obras, empreendimentos e outras violências; Juventudes; Manejo de agroecossistemas; Mulheres e feminismos; Políticas públicas e fomento; Resiliência socioecológica e mudanças ambientais; Práticas de cuidado em saúde e medicina tradicional; Terra, território e ancestralidade; e, Outros.

Segundo o “*Glossário do AeR | Árvore temática*”, os 19 temas refletem um esforço de articular temáticas e visibilizar lutas e processos atuais em curso nos territórios. Sua formulação é resultado de diversos encontros que reuniram representantes da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A organização temática é fundamental, pois - ao criar um campo de referência comum a qualquer iniciativa de sistematização - permite o cruzamento entre banco de dados e a integração entre os diversos processos mapeantes em curso. Para a definição desses 19 galhos temáticos na árvore, foram feitas pesquisas aos eixos temáticos que organizaram as últimas três edições do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBAs de 2015, 2017 e 2019), que estruturam os Seminários dos últimos Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs de 2014 e 2018) e as conceituações mais atuais que apoiam a construção das redes com o campo da saúde.

### ***Histórico - Rio do tempo da Agroecologia em Rede***

Para re-organização do histórico foram acionados artigos acadêmicos, os documentos internos do Agroecologia em Rede (relatórios técnicos e registros de oficinas, congressos, encontros e reuniões), as informações disponibilizadas virtualmente na plataforma e as informações levantadas nas entrevistas. Para guiar esse novo levantamento histórico foi elaborada uma cronologia que divide a iniciativa em quatro fases, são elas:

**Ciclo 1:** As primeiras sementes e o manejo do solo do Pré - Agroecologia em Rede (1980 - 2000)

Foi nessa fase que surgiu a ideia “semente” que viria a se tornar o Agroecologia em Rede. Na década de 1980 se inicia a construção de catálogos que vão difundindo a importância de sistematizar as experiências agroecológicas, com foco em tecnologias sociais alternativas ou apropriadas. A sistematização das experiências agroecológicas era desenvolvida por técnicas/os de assistência técnica da AS-PTA, gerando boletins informativos que eram validados junto a agricultoras e agricultores e disponibilizados para eles. A partir desses esforços de sistematização, idealizou-se formas de ampliar o diálogo dessas experiências localizadas nos territórios com outros sujeitos, ampliando o trabalho em rede e buscando a construção coletiva do conhecimento agroecológico. A rede PTA teve papel fundamental de preparar o solo para o que viria a ser o Agroecologia em Rede.

Conforme afirma P., no Agroecologia em Rede,

“Havia um foco na experiência. O discurso deixa de ser abstrato, discute-se com a realidade vivida. Esse foco nas experiências contribuiu com a vitalidade do movimento agroecológico pois constrói um sentido de identidade. Havia uma discussão das experiências a partir dos princípios da agroecologia o que contribuiu muito para a construção do conhecimento agroecológico. Também foi um exercício de democratização da fala entre os diversos atores e atrizes protagonistas da agroecologia, dessa forma colocando todo mundo no mesmo patamar de detentor de conhecimento, seja acadêmico ou agricultores, todos tinham histórias de vida valiosas para compartilhar.”

## **Ciclo 2:** Criação de uma rede virtual a serviço das redes reais (2000 - 2010)

A iniciativa teve início com um coletivo misto de professores universitários, pesquisadores e técnicos de ONGs, formado em julho de 2002 durante Encontro Nordestino de Pesquisa em Agroecologia, com o objetivo de propor um sistema de informação que permitisse aproximar a pesquisa acadêmica dos processos sociais do campo agroecológico. À época, através do projeto IDT (Informação, Disseminação e Treinamento), apoiado pelo DFID (Department for International Development - Reino Unido), a ONG AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia e o CNIP (Centro Nordestino de Informações sobre Plantas), vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) levaram a ideia adiante, contando ainda com o apoio da APNE (Associação Plantas Nativas do Nordeste) e com um conjunto de ONGs do campo agroecológico do Nordeste. Anos depois, o sistema foi sendo assimilado pela ANA através das mobilizações para o I e o II Encontro Nacional de Agroecologia (2002 e 2006, respectivamente). Estrategicamente, para a construção do II ENA, foi realizado um mutirão nacional para identificar experiências e plotá-las em um mapa. Foram identificadas 1.100 experiências georreferenciadas, as quais compuseram o Mapa Nacional das Expressões da Agroecologia. Nesse momento, o AeR traz uma mudança de paradigma no tocante a sistematização de experiências agroecológicas, uma mudança de olhar que passou a valorizar mais as histórias de vida singulares de cada experiência em detrimento da perspectiva do chamado “agricultor best-seller”. P. faz essa analogia para estruturar uma crítica em relação ao *modus operandi* de metodologias que se fundamentam na construção de unidades demonstrativas que consolidam alguns agricultores como referências em determinada área do conhecimento. No Brasil, essa mudança de perspectiva para valorizar a singularidade de cada experiência nos boletins elaborados por instituições e movimentos sociais foi crucial para expressar a diversidade que hoje é o movimento agroecológico brasileiro.

## **Ciclo 3:** Novas camadas e novas conexões: da criação do Intermapas ao hiato de gestão (2010 - 2018)

Com a realização do I Encontro Nacional de Diálogos e Convergências entre Agroecologia, Saúde Coletiva e Justiça Ambiental, Soberania Alimentar, Economia Solidária e Feminismo, em Salvador (BA), em 2011, foi amadurecida a ideia de criação da plataforma Intermapas. Entre os vários frutos desse processo, o Intermapas foi resultado do processo de integração de quatro banco de dados: Agroecologia em Rede, Cirandas (derivado do Farejador da Economia

Solidária), Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde e o Mapa de projetos financiados pelo BNDES. O Intermapas materializou o interesse e compromisso de elaborar e estimular o uso de mapas que expressassem as diferentes dimensões das lutas territoriais pelos seus protagonistas como uma estratégia de visibilização e articulação entre redes e movimentos. Nesse momento, houve um estreitamento da relação com a ABA-Agroecologia e ANA porém, com a perda do financiamento e um aumento de demanda para a gestão da plataforma, houve um momento de hiato de novos cadastros.

A plataforma sempre esteve disponível na internet para pesquisas, porém passou por essa fase sem atualizações, ao mesmo tempo que outras frentes de ação que realizavam a prática de sistematização de experiências se fortaleceram. Nos quatro anos entre o III e o IV ENA, dois importantes projetos de sistematização de experiências são realizados movimentados pela ABA-Agroecologia e pela ANA. O projeto de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia, executado entre 2015 e 2017 com apoio do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário, do CNPq, do MCTI e outros órgãos, sistematizou os aprendizados dos núcleos de agroecologia presentes em todas as regiões do país. Paralelamente, no âmbito da ANA, as Redes Territoriais de Agroecologia apoiadas pelo Programa Ecoforte, foram sistematizadas por meio de um projeto apoiado pela Fundação Banco do Brasil e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

#### **Ciclo 4:** Reestruturação geral do sistema através da parceria com a Fiocruz (2018-2020)

No IV ENA, por meio de uma cooperação técnica ampla com a Fiocruz (Agenda de Saúde e Agroecologia), o Agroecologia em Rede foi relançado após uma profunda alteração na sua interface. Agora, a plataforma está leve, moderna e adaptada a todos os tipos de dispositivo, em especial celulares e tablets com possibilidade de cadastro *offline*. Esse processo de retomada é fruto da articulação entre a Fiocruz, ANA e ABA-Agroecologia e está organizada em um projeto de pesquisa que envolve o estudo, a atualização e a reestruturação do sistema do AeR, além do fomento de atividades presenciais e virtuais de intercâmbio e articulação envolvendo um conjunto diverso de redes e organizações.

Atualmente, o Agroecologia em Rede se encontra em um processo rico de consolidação, com redesenho de sua identidade visual, reestruturação do site, desenvolvimento de uma plataforma de coleta de dados (Plataforma Colheita) e avanço no seu modelo de gestão. Por meio do diálogo horizontal e colaborativo entre diversas instituições e projetos de mapeamento, o AeR se estrutura a partir do conceito de rede e do comum, compartilhando as responsabilidades e os esforços da construção do conhecimento. Seus princípios, metodologias e formas de gestão se consolidaram em documentos coletivos que constroem a base para sua institucionalidade, de forma a possibilitar aos movimentos sociais e organizações o uso de suas funcionalidades com segurança e soberania sobre os dados cadastrados.

#### **Novos horizontes**

Mergulhar no acervo da plataforma é ter contato com o acúmulo conjunto e descentralizado construído por múltiplas organizações, movimentos e coletivos em todo o país. Longe de ser uma fotografia estática da realidade, passível de ser encaixada em análises herméticas, a memória é viva e pulsante. Manejar este acervo e disponibilizá-lo faz parte dos compromissos do coletivo gestor do AeR na experimentação de ferramentas solidárias e sinérgicas de mapeamento e de construção do conhecimento como um bem comum.

## **Referências**

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-59, 2013.

PETERSEN, P. Agroecologia em Rede: fonte de inspirações para a inovação local. **Agriculturas, experiências em agroecologia**, v. 3, n. 2, p. 30-33, 2006.

**Modelo Congresso**